

## ***Pedro I, o Rei Saudade***

*O homem só vê nitidamente o que perdeu; só possui em absoluto o que perdeu. E por isso, as trevas da morte revelam melhor a pessoa amada que todo o sol que a iluminou durante a vida! A morte roubou-lhe o que é efêmero e transitório, a aparência, mas a Saudade revelou-lhe a eterna aparição, a sua pessoa integral e essencial. A sombra da Morte que nos esconde esvai-se ante a Saudade que nos mostra.*

Teixeira de Pascoaes, *Os Poetas Lusíadas*, p. 75

A proposta de atividade que ora se apresenta foi desenvolvida para o 3.º ciclo do ensino básico, no âmbito da comemoração do Dia Mundial da Língua Portuguesa.

Na verbalização de sentimentos e de pensamentos da alma de escritores e artistas «se nota uma instintiva compreensão da Vida, em perfeito acordo com o génio da Língua portuguesa» (Pascoaes, 1998, p. 18). Através do engenho discursivo e artístico, o amor trágico de Pedro e Inês permanece vivo e perpetua-se nos fios que se entrecem entre a História e a Literatura, possibilitando a sua permanente revisitação e constituindo fonte de renovada (re)criação.

Inês, morta de forma trágica, renasce esplendorosamente, qual Fénix, em todas as manifestações artísticas. A morte, galardão inesiano, transcende, pois, a história, o tempo e o espaço e torna-se mito, narrativa arquetípica e exemplar.

Inês, heroína trágica, que, na morte, encontra a vida, perpetua-se no protagonismo que lhe outorgam as obras de Garcia de Resende, de Luís de Camões e de António Ferreira, cujo estro tanto a dignificam e enobrecem.

É no século XIX, com o eclodir do historicismo romântico, que a figura de Pedro I se eleva a patamares de intervenção na história que lhe conferem contornos de herói.

Nesta conformidade, o drama simbolista *Pedro o Cru* (1918), de António Patrício, impregnado de uma atmosfera saudosista, apreende as discussões filosóficas sobre a saudade.

Pedro, num discurso alienado cuja destinatária é Inês, revela que a vida desta é a sua vida e que a morte dela constitui a sua própria morte. Resta o Amor, que, num exercício de alteridade, se traduz em reconhecer-se no outro e ser no outro, e a Saudade, a forma de encontro dos amantes, na ausência um do outro, e o elo entre a vida e a morte.

Pedro tem visões claras da mulher amada, cuja memória é preservada pela Saudade e será materializada na estátua jacente do túmulo que manda construir.

A figura do herói insano de amor e de saudade é retomada em *A Trança de Inês* (2001), de Rosa Lobato de Faria, num «eterno presente» que congrega em si o passado e o futuro, uma espécie de tempo suspenso, absoluto e supra-histórico.

Alcobaça é o lugar da noite eterna, onde os túmulos da Rainha Morta e do Rei Saudade, os protagonistas do romance histórico de António Cândido Franco, datado de 2003, são dois invólucros astrais que vogam no espaço galáctico.

Sugere-se a exploração dos excertos que abaixo se transcrevem como complemento à abordagem de temáticas similares em obras analisadas no domínio da educação literária e no âmbito de outras manifestações artísticas (pintura, escultura, cinema, música).

António Patrício, *Pedro o Cru*

Pedro

«*(Com uma expressão dolorosíssima)* Mil vezes, minha Inês, mil vezes sofri na minha carne a tua morte. Via-o sempre – o espaço era para ele – o teu corpo de amor, tão grande e belo. Deixei de ver o sol: via-o a ele. A brancura de flor da tua pele era a luz da minha solidão. Vivía com a minha dor – todo o meu gozo – foi reviver nesta carne o teu martírio.

(...)

Vivi um ano assim, do teu martírio.

(...)

Mas um dia, «Alguém» desceu ao fojo: – «Alguém» que era da morte e era da vida; e mais – de além da morte e além da vida... E eu vi a Saudade ao pé de mim. Nunca mais me deixou: vivo com ela. Fez-se em mim carne e sangue. Fez-se Inês. Por isso sabes toda a minha vida. Por isso eu sei a morte como tu. Sou o homem que viveu a vida e a morte: sou o homem-Saudade, o rei-Saudade...

(...)

*(Com opressão e êxtase)* Onde estou eu?... Não sei. Estou só contigo. Respiro o teu olhar: é luz de luz... É o ar da minha alma – o teu olhar. E Alcobaça?... A minha coroa de oiro!?!... Alcobaça onde está!?!... as altas naves!?!... E os sinos?... a corte!?!... os sinos de oiro a bailar no ar as minhas bodas!?!... Ainda os oiço...ainda... mas tão longe... É o princípio e o fim de tudo o nosso amor. Os teus seios uniram-se: ei-lo – o mundo!... Oiço no teu silêncio cotovias... O som e a luz casaram-se, fundiram-se: são o ar que eu respiro... o nosso ar... Oh! Asas... asas... Dêem-me asas!... É um abismo de estrelas – este amor... faz-me medo. É um turbilhão de estrelas... *(Com voz de aura chamando)* Inês!... Inês!... Eu tenho medo... Sinto o vento de luz da eternidade...» (pp. 166-7)

António Cândido Franco, *A Rainha Morta e o Rei Saudade*

«É a noite eterna de Alcobaça, recamada de estrelas acesas, com os túmulos de pedra a vogar no espaço galáctico, como dois invólucros astrais, enquanto cá fora se sucedem os anos, os séculos, os milénios, na esperança de que um dia possa raiar a madrugada do fim do mundo e a trombeta do arcanjo anuncie o final dos tempos. (...) É um capítulo eternamente em aberto, dum drama sem fim, que começou com dois tegumentos vegetais, dois embriões ovulares, e termina com dois corpos congelados, em órbita, em cápsulas de pedra, à espera de acordarem na última galáxia do tempo e do espaço. Nesse dia, quando já não houver humanidade para recordar o caso de Inês e Pedro, os astros hão-de contar com pasmo, uns aos outros, a fábula do seu amor. O romance de Inês e Pedro tem uma porta que se abre para a noite cósmica, original, profunda, que contém as almas universais antes da diferenciação, e uma outra que dá passagem para a noite una, final, em que tudo se perpetuará pelo vazio da saudade.» (p. 220)

«Ao princípio achávamos que era apenas uma coincidência, Pedro e Inês e os seus amores contrariados, depois com o decurso dos acontecimentos e o progresso da minha loucura comecei a pensar que eu devia ser a reencarnação de D. Pedro I, o Cru, mas agora tenho a certeza de que sou o próprio rei, o que não descansa, o que não dorme, o que arrasta a amada pelas noites fantasmagóricas do seu reino, o que manda acender fogueiras para aquecer-lhe o corpo gelado, pela morte, segredam uns, pela paixão perdida, afirmam outros.

Não me juraste tu, Inês, que nada conseguiria separar-nos? Como puderam os esbirros de meu pai pensar que te matavam, que matavam este amor sem fronteiras, sem espaço, materializado de onde em onde na história, na eternidade, no coração dos homens?

Somos, para sempre, da vida e da morte, para sempre, para sempre, para sempre, somos senhores do tempo, escravos do tempo, a droga que me enfiaram nas veias envolve-me agora nos seus tentáculos quentes e sábios, leva-me pelas ruas da eternidade, por onde é dantes, é depois, é agora, passado e futuro onde perenemente te encontro, te amo, te venero e te conduzo à morte e enlouqueço.» (p. 10)

«Sonho às vezes contigo nesse tempo futuro, não sei se são as drogas que eles me injectam que me fazem viajar na imaginação, na memória-ao-contrário, se, simplesmente, a intemporalidade da nossa paixão nos dá o dom da ubiquidade através de todas as eras, ou se vítimas de uma maldição, nos cabe a nós representar o homem eterno, a mulher eterna, renovando perenemente a mesma história singela e consabida de sujeição, amor, e morte antecipada.» (p. 17)

«Na secção *retratos* pintei os meus colegas da tertúlia (...)

E em todos, em todos sem excepção há um fio das tuas tranças louras, um fio apenas, a entretecer o real e o imaginado, o expresso e o não expresso (...)» (p. 66)

«(...) era a tua trança que entretecia o tempo, que ligava as eras, que atava os amantes de todas as idades da terra, que dava sentido à minha história de peregrino das paixões intemporais.» (p. 158)

«Havia também que resgatar a tua honra, o teu nome, a tua altíssima condição de rainha de Portugal e para isso pensei mandar construir um túmulo que fizesse jus à tua realeza. (pp. 171-2)

(...)

Nele haviam de aparecer, à maneira francesa, todos os passos da tua vida e da tua tragédia.

Tu surgirias coroadada, porque és rainha, amparada por anjos, porque nunca foste pecadora.

(...)

E mais que todos os livros e todos os poemas, e todas as crónicas, aquele mausoléu contaria a tua história.

Mas não só o teu.

Outro monumento seria erigido: o meu próprio túmulo, com outros maravilhosos baixos-relevos, contando, com falas de pedra, as minhas alegrias e as minhas dores, todos os passos da minha paixão.

Assim repousaríamos para todo o sempre, os pés da minha sepultura de frente para os pés da tua, para que, no juízo final, na hora da ressurreição da carne, os nossos corpos, erguidos da pedra, fossem os primeiros a encontrar-se, a unir-se no abraço de que tão ferozmente te arrancaram.

Mas estas obras de arte não poderiam enquadrar-se numa igreja qualquer.

Escolhi a mais bela de todas, a única digna da nossa eternidade: a da Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça, a mais limpa e grandiosa, cuja luminosidade tem um sabor de paraíso, de espiritualidade e de paz.” (pp. 176-177)

Sugere-se igualmente o diálogo intertextual com:

**Escultura:**

Túmulos de Pedro I e de Inês de Castro

**Pintura:**



*Até a fim do mundo*, Lima de Freitas  
Água-forte em duas cores, 1986



*Depois de morta foi rainha*, Lima de Freitas  
Óleo sobre tela, 1987

#### **Cinema:**

*Pedro e Inês*, de António Ferreira, 2018 - <https://www.youtube.com/watch?v=AYdUMdf8RuQ>

#### **Bibliografia**

Faria, Rosa Lobato de (2019). *A Trança de Inês* (6.ª ed.). Alfragide: Leya BIS  
Franco, António Cândido (2005). *A Rainha Morta e o Rei Saudade* (3.ª ed. revista). Lisboa: Ésquilo  
Pascoaes, Teixeira de (1998). *A Arte de Ser Português* (3.ª ed.). Lisboa: Assírio e Alvim  
Pascoaes, Teixeira de (1987). *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa: Assírio e Alvim  
Patrício, António (1982). *Pedro o Cru, in Teatro Completo*. Lisboa: Assírio e Alvim